

Superando dilemas com a extrema felicidade

“Era Uma Vez... João e Maria”, da Cia. Fábrica de Sonhos, só quer espalhar alegrias

Por Leidson Ferraz
Crítico convidado

O grande barato de se revisitar um clássico como a trama dos irmãos João e Maria é poder mostrar às crianças que a crueldade existe no mundo e ela deve ser combatida e pode ser superada. Afinal, estamos tratando de um dos contos mais perversos da tradição oral, que explora temas como a pobreza, o abandono parental, o trabalho forçado, o medo, a violência e até o canibalismo, mas também aponta a capacidade de saber lidar com desafios. Em “Era Uma Vez... João e Maria”, apresentado pela Cia. Fábrica de Sonhos, de São José do Rio Preto/SP, no Teatro Municipal Humberto Sinibaldi Neto, dentro da programação do FIT Rio Preto 2025, todas aquelas difíceis questões aparecem, mas amenizadas ao extremo. O autor e diretor Guido Caratoni, há anos dedicado à linguagem do teatro para as infâncias, continua acreditando que precisa levar “mensagens de esperança” e trilha um caminho sem se pautar por nada de sombrio ou desagradável. “A crueldade já existe no nosso dia-a-dia. O teatro que faço procura ressignificar o que aí está para se poder ver um mundo melhor”, comentou.

Diante dos seus argumentos, fica claro que estamos tratando de uma companhia que é puro entretenimento, sem querer oferecer à sua plateia uma imersão em temas mais densos ou duros, pelo contrário, suavizando-os assumidamente. Para além do excesso de cores, músicas, danças, convocações a aplausos, ações mágicas e alegria esfuziante, a questão é que a dramaturgia deixa em aberto, ou simplesmente camufla, tudo o que pode gerar desconforto e aí a peça, ao meu ver, tem arestas que precisam ser sanadas. Guido esclarece que desde 2004 estuda várias versões dessa obra, principalmente a mais conhecida de todas e que praticamente serve de base para as demais, a dos Irmãos Grimm, publicada em 1812. A estreia do espetáculo se deu em 2018 e a resposta do público, claro, é sempre muito favorável, com os espectadores mirins e gente grande vibrando especialmente quando a bruxa é trancafiada no forno de assar criancinhas.

Visualmente é tudo bem bonito, com direito a projeções pirotécnicas no telão, uma trilha internacional e instigante que faz corpos sacolejarem na cadeira, luz bem cuidada e atuações cheias de histrionismo e graça que confortam qualquer família com sorrisos no rosto. O elenco é composto por Malu Oliveira, Marcela Galhardo e Drica Sanches. Mas será que o teatro para crianças de todas as idades não merece ser mais instigante? Por que oferecer à meninada escapadelas de tudo o que incomoda? A criança não deve se deparar com questões que a farão pensar sobre que caminhos seguir diante dos obstáculos do mundo? Meus questionamentos se dão porque, por exemplo, a família de João e Maria vive na miséria, mas a peça praticamente foge dessa questão. O figurino não ajuda em nada na situação social de pobreza, pelo contrário, os faz parecer vindos de um mundo encantado e festivo. Os biombos que servem de cenário, assim como o telão ao fundo, projetam criações da artista plástica Germana Zanetti – muitas folhas-corações e a casa da bruxa cheinha de doces –, mas sem contribuir com a teatralidade, funcionando como mera ilustração.

O que Guido chama de “liberdades poéticas” faz esquecer até as razões que levaram a madrasta a agir daquela forma (a fome); o próprio plano estratégico do menino João em encontrar um meio de voltar à casa – aqui é a menina quem come frutinhas despejadas no caminho! –; o porquê da bruxa trancá-lo para a engorda, vendo mal o seu dedinho (ela é míope ou de baixa visão e um detalhe tão importante desaparece do enredo); e o fatídico desenlace familiar, com a madrasta, personagem-pivô, simplesmente descartada da trama e todos sem o prêmio-tesouro. Apropriando-se com ênfase do recurso da narração e do alerta de que a leitura de livros é uma boa para se fugir do excesso de tecnologia diária (afirmação dita em tom professoral, sem convencimento algum), a montagem recorre em excesso aos números dançados transmutados em ação, como se quisesse fugir do adensar de questões importantes através dos diálogos, numa clara tentativa de superficializar as personagens e suas motivações, gerando apenas “festa”.

Um exemplo é quando os meninos, já abandonados na floresta, continuam acreditando num “belo passeio para se encontrar frutinhas”. Sozinhos em meio ao mato, o texto continua a reforçar o seu alheamento à realidade, destacando a luz do pôr-do-sol, a cachoeira e os peixinhos beijoqueiros que beliscam seus pés. Não há perigo, não há terror, não há consciência de sua triste condição. E tudo passa numa sequência de alegrias que vai descambar no final feliz esperado, sem problematizar nada na relação entre o pai e sua esposa, entre a madrasta e os meninos e entre eles e uma bruxa canibal. Ao término da montagem, há apenas uma afirmação sobre 10 milhões de crianças que não terão o mesmo destino de João e Maria, agora acolhidos pelo pai, mas o trecho parece um apêndice desvinculado de toda a ação antes apresentada. Se a proposta é apenas divertir-se, tudo OK. Mas acho que o teatro serve para explorar algumas das muitas outras camadas de significado que estão ali enraizadas.